



A Santa Sé

PAPA JOÃO PAULO II

ANGELUS

Domingo, 26 de Junho de 1983

Caríssimos Irmãos e Irmãs

1. De retorno da minha peregrinação à Polónia, dirijo antes de tudo uma cordial saudação a vós, caros Romanos, e a vós peregrinos aqui presentes, agradecendo-vos as orações com as quais acompanhastes a minha viagem apostólica entre o povo da minha terra.

No santuário de Jasna Góra orei intensamente pela querida Diocese de Roma e por todas as Comunidades cristãs; invoquei a materna protecção de Maria sobre toda a Igreja, a Ela confiando o seu crescimento na fé, na esperança e no amor.

2. Hoje, ao meditarmos a oração do *Angelus*, iniciamos uma nova série de reflexões, que terão como tema as prefigurações marianas no Antigo Testamento.

O Concílio Vaticano II atribui a Nossa Senhora também o título de "excelsa Filha de Sião (*Lumen gentium*, 55). É um apelativo que deve as suas origens às tradições do Antigo Testamento e é uma expressão de sabor nitidamente oriental.

Sião, de facto, era o rochedo da antiga Jerusalém. Para este cume o rei David mandou transportar a arca da Aliança (cf. *2 Sam.* 6), e Salomão, seu filho, ali construiu o Templo (cf. *2 Sam.* 24,16-25; *2 Crón.* 3,1; *1 Rs* 6). Desde aquela época, com o nome de Sião, é designado sobretudo o monte do Templo (cf. *Is.* 18, 7; *Jer.* 26, 18; *Sl.* 2, 6 e 48, 2-3). Sião, portanto, era como o coração de Jerusalém, a parte mais sagrada da Cidade Santa, pois lá habitava o Senhor, na sua casa. Como tal, a colina de Sião passou a designar toda a Jerusalém (cf. *Is.* 37, 32 e 51, 1; *Jer.* 26, 18 e 51, 35; *Sof.* 3, 16), e também o inteiro povo de Israel, cujo centro religioso e ao

mesmo tempo político era Jerusalém.

3. Maria pode ser chamada "Filha de Sião", pois na sua pessoa chega ao auge e se concretiza a vocação da antiga Jerusalém e do inteiro povo eleito. Ela é a flor de Israel, desabrochada ao término de um longo itinerário, feito de luzes e de sombras, durante o qual Deus ia preparando Israel para acolher o Messias. Em Maria de Nazaré, Deus realiza com antecipação as promessas feitas a Abraão e à sua descendência.

Segundo muitos exegetas, nas palavras do anjo Gabriel ouve-se como que o eco da mensagem jubilosa que os profetas tinham dirigido à Filha de Sião. Maria, de facto, é convidada a alegrar-se ("Salve, ó cheia de graça" — *Lc. 1, 28*), porque o Filho de Deus será concebido no seu seio (cf. *Lc. 1, 31-32a*). Ele será Rei e Salvador da nova casa de Jacob (cf. *Lc. 1, 32b-33*), que é a Igreja.

4. Como "Filha de Sião", a Virgem por conseguinte é o ponto de chegada do Antigo Testamento e primícias da Igreja. Ela, portanto, é um permanente apelo que recorda os vínculos que nos unem a Abraão, "nosso pai na fé" (*1ª Oração eucarística - Cânon romano*), e ao povo, que esperou e viu o acontecimento da Redenção. E, além disso, é uma advertência para que a Igreja — nova "Filha de Sião" — viva na alegria (cf. *Fil. 4, 4*). Cristo, de facto, está no meio de nós, sempre (cf. *Mt. 28, 20; Lc. 1, 33*). Diante das emergências da nossa peregrinação, devemos tremer sim, mas não ter medo como "homens de pouca fé" (*Mt. 8, 26* e paralelos de *Mc. 4, 40* e *Lc. 8, 25*). Cristo é o Poderoso, que nos salva do egoísmo e da indiferença. Ele, derramando o próprio sangue, toma posse de nós como Rei, a fim de que toda a criatura alcance a medida perfeita do amor.

© Copyright 1983 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana